



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



JUVENTUDES E PRÁTICAS CULTURAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Lilian Moreira da Silva

Resumo: O texto discute a problemática de se definir os termos "Juventudes" e "Práticas Culturais" bem como a dificuldade de identificar e relacionar as práticas dos jovens. Analisa alguns conceitos de juventude apontados por FEIXA (1999), CATANI (2008) e PAIS (1990), entendendo juventudes no plural pela diversidade das características que os jovens apresentam fruto das influências que sofrem na escola e fora dela; trabalha os conceitos de cultura definidos por EAGLETON (2005) entre outros; entendendo cultura como instrumento capaz de moldar, dividir e harmonizar uma sociedade. Concluindo que as diversidades problematizam e dificultam uma definição concreta do que é, e de quem são as juventudes, bem como quais são as suas práticas culturais.

Palavras chaves: Juventudes, Cultura e Práticas Culturais.

Resumen: En este trabajo se analiza el problema de la definición de los términos "Juventud" y "prácticas culturales", así como la dificultad para identificar y relacionar las prácticas de los jóvenes. Examina algunos de los conceptos mencionados por los jóvenes Feixa (1999), CATANI (2008) y PAIS (1990), la comprensión jóvenes la diversidad plural de las características que los jóvenes tienen el resultado de las influencias que están sufriendo en la escuela y fuera de ella; trabaja los conceptos de cultura definido por Eagleton (2005), entre otros, la comprensión de la cultura como herramienta para dar forma, dividir y armonizar la sociedad. Concluyendo que las diversidades problematizan y complican una definición concreta de lo que es, y que los jóvenes, así como cuáles son sus prácticas culturales.

Palabras clave: Cultura, Juventud y Prácticas Culturales.

Pedagoga pela Universidade Estadual da Bahia e Mestranda pela Universidade Federal de Alagoas.

Introdução

As pesquisas educacionais relacionadas às juventudes e suas práticas culturais têm ganhado fôlego e

destaque na última década. Pesquisar o jovem e no que tem aplicado seu tempo é sempre assunto pertinente.

Compreender e analisar os jovens e suas práticas culturais num ambiente escolar, possivelmente nunca deixará de ser um desafio, posto que é necessário um entendimento concreto do que se referem os termos. Em Charlot (2006, p.10) compreendemos que: “quem deseja fazer pesquisa em educação deve sair da esfera da opinião e entrar no campo do conhecimento”. E segundo o mesmo não é conveniente e necessárias conjecturas hipotéticas já que estamos na busca de uma verdade ainda desconhecida. Outrossim, não nos cabe trazer juízo preconcebido pela simples aparências dos fatos, em conseqüente torna-se conveniente sua investigação afim de que o comprovemos e consideremos válido e legítimo o que se apresenta como dados.

Mas como chegar a uma definição concreta do que é juventude ou do que é ser jovem O jovem se define jovem ou é definido jovem Suas práticas culturais o definem Como chegar a essas práticas Os desafios apresentados como requisito para obtenção das respostas a essas interrogações são inversamente proporcionais às possibilidades de respondê-las.

O texto a seguir tenta discutir de maneira breve as variantes das definições dos conceitos que se atribuem ao termo “Juventude”, bem como tenta instigar uma reflexão sobre como entender as práticas culturais dos jovens compreendendo que os estudos referendados aos termos apresentam-se para nós mais constituídos de desafios do que de possibilidades.

As juventudes e suas práticas

Os termos juventudes e práticas culturais tem sido alvo de debates na atualidade, a problemática maior gerada em torno desses termos emerge da dificuldade que se encontra em legitimar suas características; nos discursos e teorias apresentadas por estudiosos na área percebe-se que a falácia inicial destas discussões sempre está associada às variantes com as quais os autores se debruçam em explicar ou definir estes termos. Feixa (1999) entende juventude como uma fase ou condição natural que está compreendida entre a puberdade e o reconhecimento do status adulto; ele também pontua uma definição defendida numa perspectiva antropológica a qual apresenta a juventude como uma construção cultural. Nas definições apresentadas por Feixa compreendemos que as atribuições à juventude perpassam pelas condições sociais, culturais, instituições políticas e ideologias que predominam em cada sociedade.

Catani (2008) além de discutir a problemática de como definir o jovem atenta para a necessidade de desmistificar a categoria como sendo apenas natural e biológica o autor ressalta a necessidade de percebê-lo como resultado de uma construção social variante de cultura para cultura.

Pais (1990) nos esclarece que historicamente foi preconcebido à juventude conceitos que vinculam essa fase da vida aos problemas sociais relacionados à delinquência, agressividade consumo de drogas entre outros; porém os termos “jovens”, “juventudes” de acordo com Abramo (2005) nunca esteve tão presente nas pautas políticas, engendrando uma série de mobilizações e planos políticos para este segmento.

O tema Juventude alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os Jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país (SPOSITO, 2009, p.17).

Ao que parece não se trata apenas de conceituar juventude se faz extremamente necessário compreendê-la nas suas aptidões, conhecendo suas práticas com a finalidade de interagir e atuar com ela.

Para Catani (2008) pelas diferenciações significativas apresentadas no universo juvenil é necessário utilizar-se do termo não mais no singular, mas sim no plural, falar juventudes e não mais juventude e isto

se deve ao fato de que os jovens apresentam distinções entre si, que são notórias tanto no âmbito social como na faixa etária o que segundo o autor se aplica também à cultura, o autor considera que os jovens possuem a capacidade de produzir uma cultura autônoma esta articulada a parâmetros próprios formam novas formas de cultura.

E as práticas culturais...

A ideia de prática remetida pela própria estrutura da palavra nos confirma o que Ferreira (2000.p.550) traduz: "ato ou efeito de praticar, rotina; hábito; saber provindo da experiência". Compreendendo prática nesse sentido que o autor nos sugeriu, possivelmente seria lícito entendê-la como a concretização daquilo que não é imaginário, ou seja, não está no campo da subjetividade, mas da objetividade e na realidade das coisas e fatos como se fazem, ou como são.

Para nós, todavia, chegarmos a um consenso da definição do conceito de cultura é conflituoso. Eagleton (2005) elaborou um significado, embora plural, que nos aponta um norte para compreensão desse termo. O termo cultura conforme o autor transcreve é o que está a nossa volta bem como o que está dentro de nós. Celebra-nos ao mesmo tempo em que disciplina nosso comportamento e caráter. A cultura nos molda, divide, harmoniza. Transferindo-nos do que é natural para o que é espiritual, nos impulsiona para o que é político e para o puramente social o que é fundamental para sua existência. Uni-nos na diversidade. "A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós" (EAGLETON, 2005, p.16).

O autor citado acima desmembra os sentidos peculiares ao termo observando-o num contexto da epistemologia, da raiz latina, filosóficas e natural dado sua espontaneidade e racionalidade que por derivar dos significados de lavoura e cultivo é um termo descritivo e avaliativo. Para ele a cultura anda em consonância e em dissonância com a sociedade é sinal de desenvolvimento, pois serve de socorro para as próprias civilizações. Ela está intrinsecamente ligada a todo e qualquer tipo de civilização que embora discriminando as peculiaridades de cada uma destas as valoriza. Seus sentidos e facetas são plurais; isso implica dizer que a cultura engloba o todo; mesmo subjulgada aos interesses do capitalismo, do modernismo e da política.

Chauí (2008) caracteriza o conceito de cultura como criação e produção da linguagem, religião, música, danças, vestuário, culinária, habitação, trabalho, sexualidade, etc.; compreendida nos signos e símbolos elaborados pelos sujeitos humanos; instituídas por valores e práticas relacionadas no presente, passado e futuro. Ela pontua ainda que os cerne dessa compreensão se esbarra na modernidade, posto que o mundo moderno desconhece o real sentido de comunidade, e que essa nossa sociedade atual se distingue pluralmente e naturalmente, o que gera vários tipos de cultura: a popular, a cultura erudita, a de massa, entre outras.

Geertz, *apud* Tura (2002.p.162) destaca a ideia de cultura quando afirma que:

A cultura pode ser entendida como um conjunto de mecanismos de controle, utilizados para governar o comportamento humano. Isso porque a espécie humana precisa mais do que qualquer outra de recursos extragenéticos para controlar seus impulsos e para direcionar sua ação.

Compreender cultura nesse segmento seria subentender-se que há uma cultura imposta da qual, como sociedade não fazemos parte na criação. Seria um tipo de "Invasão Cultural" outrora já descrita por Freire (1987) como uma cultura alienante, a qual freia a criatividade humana conduzindo os dominados a uma inautenticidade e ao sentimento de inferioridade e impotência.

São várias as perspectivas usadas para entender e para chegar a uma definição exata do que seja fatidicamente "cultura", posto o significado morfológico da palavra bem como o estudo de culturas propriamente dito.

Silva (1999) já ressaltava a tensão encontrada quando se trata de pesquisar sobre os "Estudos culturais"; já que estes se concentram na análise da cultura. Este estudo se torna ainda mais complicado por causa da distinção e da multiplicidade cultural de cada sociedade.

Partindo desta análise como entender as "práticas culturais" de uma determinada população de jovens. Como entender e utilizar-se corretamente dos termos juventudes e práticas culturais. Como observá-la, se em Hall (2006) podemos perceber que as sociedades modernas encontram-se em mudança constante e que suas "práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter" (HALL, 2006, p.15).

Levando em consideração esta informação dada por Hall (2006) podemos inquirir que as instituições educacionais são porta voz de culturas, por que as mesmas dão informações as quais se sobrepõe sobre informações que cada sujeito que adentrado nela já traz da casa onde mora, da família a qual pertence; da religião e princípios que defende, da sexualidade, estilo, entre tantos outros.

A escola é um local privilegiado de troca de ideias, de encontros, de legitimação de práticas sociais, de interação entre gerações, de articulações entre diversos padrões culturais e modelos cognitivos. Isso se deve à sua sistemática de transmissão de conhecimentos, competências e disposições socialmente reguladas à população de crianças e de jovens de uma específica organização social (TURA, 2002, p.156).

Nesse sentido podemos dizer que a escola poderá refletir a cultura de uma determinada sociedade, mas que além desse reflexo poderá também à luz dos mesmos, produzir outros tipos de cultura. Essa produção envolve elementos como leis de diretrizes da educação, programas do governo, projeto político pedagógico da instituição, grade curricular, disciplinas entre outros. Estes elementos são usados para construir e disseminar a cultura.

Tura (2002) salienta em suas discussões a respeito das disciplinas escolares, que "estes servem de mecanismos de controle, ou seja, em torno das diferentes disciplinas ensinadas e aprendidas no colégio, novas regras são estabelecidas, comportamentos, valores aferidos e elementos de diferentes culturas posto em contato"(TURA, 2002, p.162). Para a autora a escola faz a interação, a circulação e a comunicação entre as culturas no seu interior ajudando na formulação do que seja o mundo e do seu significado.

Sposito (1996) aponta a importância de se estudar os jovens para melhor compreender as práticas culturais; pois é na ocasião da juventude que se manifestam ricamente a expressão e o desejo de ser; e mesmo a produção cultural nas artes, música, poesia, teatro e dança são expressivamente ocupadas pela classe jovem. Essas manifestações podem ou não ter início na escola, o início das práticas culturais ocorrem também fora da do ambiente escolar.

Sua interação fora do ambiente escolar será aos jovens um determinado tipo de experiência de vida, a qual segundo Dayrell (1996) servirá de matéria prima para que estes jovens articulem sua própria cultura; e contribuirá também para a elaboração de sua visão de mundo, dando a este sentido e significado.

Se considerarmos os jovens fora do ambiente escolar a problemática em estudá-lo bem como suas práticas acentua-se ainda mais, envolve mais que suas aptidões, tem haver com também com o que o cerca e o induz como, por exemplo, o consumismo e a apologia que a mídia faz ao mesmo, o modismo, os ritmos, esportes, estilos. "Ao observarmos tantas manifestações e expressões da(s) cultura(s) juvenil (is), fica claro que cada vez mais essa etapa de vida adquire caráter autônomo"(CATANI, 2008,p.36)

O que o indivíduo produz e pratica diariamente sofre interferência do ambiente onde está inserido bem como das relações que ele estabelece dentro deste ambiente. Dayrell (2007) nos apresenta uma

problemática vivida pelos jovens, ele levanta uma discussão em torno da tensão nas relações estabelecidas no espaço escolar o que afeta diretamente não só os processos de socialização como a produção social dos indivíduos jovens ou "condição juvenil" como explica se referindo a modo como uma sociedade num contexto e numa dimensão histórico geracional constitui e atribui significado a esse ciclo da vida. Dayrell (2007) aponta para a pobreza como uma condição que interfere na trajetória da vida dos jovens. Trata da importância das práticas culturais como demarcadora de identidade, mesmo estas práticas não sendo homogêneas, as quais podem causar uma mobilização tanto em torno de ações solidárias ou podendo ocorrer práticas de delinquência.

. Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços (DAYRELL, 2007, p.1118), para o autor este fato implicará na sua experiência escolar e nos sentidos que o jovem atribuirá à escola. Ou seja, as individualidades e conflitos gerados fora da escola fazem parte integral da sua rotina escolar.

Os jovens não vão simplesmente à escola: apropriam-se dela, atribuem-lhe sentidos e são transformados por ela (ABRANTES, 2003, p.93); porém em Dubet (1998) compreendemos que a escola vem sofrendo mutações nas quais os seus objetivos perderam sua clareza e unidade, para o autor a escola perdeu cada vez mais a capacidade de administrar as relações entre o seu interior e o exterior ou seja do mundo dentro e fora do ambiente escolar.

Considerações finais.

Estudar ou pesquisar sobre juventudes e suas práticas culturais é e sempre será um desafio para qualquer pesquisador esteja ele dentro do campo da educação ou não, chegar a uma possível caracterização dos conceitos dos substantivos apontados acima é uma missão que abrange uma complexidade conceitual teórica e prática. As características plurais entre os jovens são facilmente perceptíveis. Essa pluralidade no mundo moderno no qual os jovens estão inseridos tende a aumentar diariamente, manifestações nunca vistas tem se levantado nas ruas mostrando a capacidade que os jovens têm de se perceberem autônomos que mesmo embora cercado de influências, as juventudes se adequam e se adaptam aos modelos sociais, mas que também são capazes de fugir de regras e padrões, criando suas próprias regras, possuem como um camaleão a capacidade de se camuflar se acomodando as normas pré-estabelecidas pela sociedade, mas também são originais como um leão que se faz predador e jamais presa. Assim sendo é arbitrariamente impossível definir quem são as juventudes bem como estabelecer um modelo de suas práticas culturais.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. Identidades Juvenis e dinâmicas de Escolaridade. In_____ Sociologia, Problemas e Prática, nº41, 2003, p 93-115.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira** Análise de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo. Instituto da Cidadania. São Paulo, 2005.

CATANI, A.M. Culturas juvenis: Múltiplos olhares/Afrânio Mendes Catani, Renato de Sousa Porto Gilioli. São Paulo Editora UNESP, 2008. (Paradidáticos. Série Cultura)

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação.** v.11 n.31. p.7-18, jan/abr.2006

CHAUÍ, M. Cultura e Democracia. Revista Latino Americana de Ciências Sociales. Ano I, nº 1, jun.2008. p. 53-76. Buenos Aires: CLACSO 2008. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>

DAYRELL, J. A Escola como Espaço Sociocultural. In:_____ **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 3º reimpressão, Org.: Juarez Dayrell. UFMG. Belo Horizonte 1996.

DAYRELL, Juarez. A escola "Faz" as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil. In_____ Educ. Soc., Campinas, Vol.28, n.100- Especial, p.1105-1128, out.2007.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: A desinstitucionalização. In_____ Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**; tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica César Mortari - São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FEIXA, Carles. De Jóvenes, Bandas y Tribus. Antopologia de la juventud. Editorial Ariel, S.A. Barcelona 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI Escolar**: o minidicionário da língua português. 4ed. Ver. Ampliada. RJ Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP & A 2006.

PAIS, José Machado. A construção Sociológica da Juventude - Alguns Contributos. In_____ Análise Social, vol.XXV, 1990.p.139-165.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autentica 1999.

SPOSITO, M. P. Juventude: Crise Identidade e Escola. In:_____ **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 3º reimpressão, Org.: Juarez Dayrell. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SPOSITO, M. P. Estado da arte sobre juventudes na pós-graduação brasileira educação, ciências e serviço social. Belo Horizonte: Argumentum, vol.1, 2009.

TURA, M. de L. R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In_____ **Currículos: Debates Contemporâneos**. Org.: Alice Casimiro Lopes, Elisabeth Macedo. São Paulo: Cortez, 2002.